

CARRETEL

F U N D A Ç Ã O I B E R Ê



#3

OUTUBRO
NOVEMBRO
DEZEMBRO
2019

FOTO: CELSO CHITTOLINA

#06

Os Territórios
Oscilantes de
José Bechara

#12

Os Quatro
Grupo de Bagé
pelos amigos

#21

Itinerância da
Bienal chega
a Porto Alegre

+

+ Moda e Arte + Cine Iberê
+ Iberê nas escolas
+ Bastidores da Arte

Cultura se faz com gestão

A Fundação Iberê vai encerrar 2019 com o sentimento de dever cumprido. Foram 13 exposições internacionais, nacionais e com obras do dono da casa. Aproximou curadores e artistas do público com visitas mediadas; convidou o público a participar de atividades sobre novas percepções da arte além do que os olhos podem compreender e fortaleceu seu projeto de arte-educação.

Saimos do prédio para trabalhar com 250 alunos de seis escolas da rede municipal no turno inverso. Cinco dias da semana, nossos arte-educadores e artistas/oficineiros estão desenhando um novo mundo para crianças e adolescentes que nunca pisaram num centro cultural até então. O "Iberê nas Escolas" envolve toda a comunidade, faz refletir, faz criar, faz as pessoas em situação de vulnerabilidade reinventarem-se.

O Ateliê de Gravura segue sua tradição em receber artistas do Brasil e exterior retomando sua vocação de um espaço ressonante de pesquisa, experimentação e criação artística. Em 2019 passaram pelo espaço Daniel Senise, José Bechara e Xadalu, ganhador do Prêmio Açorianos e contemplado com o Prêmio Fundação Iberê Camargo para uma residência artística. Da soma de práticas e experiências, ao longo dos anos foi produzida uma significativa coleção de 270 gravuras assinadas por mais de 100 artistas.

Destaque também para o Cine Iberê, que apresenta outras formas de diálogo com as exposições, seja nas sessões comentadas com a presença de especialistas em diversas áreas do conhecimento e de realizadores dos filmes, seja nos espetáculos cinematográficos com filmes mudos acompanhados de trilhas sonoras compostas especialmente para as sessões e executadas ao vivo.

Os resultados obtidos até aqui só foram possíveis a partir de uma ampla revisão e reformulação interna de pensamentos e processos, conduzidos sob a ótica de uma gestão comprometida, que busca acertar com os percalços do passado, apostando sempre num futuro em ordem crescente.



Fundação **Iberê**

Conselheiros

Jorge Gerdau Johannpeter
Presidente

Arthur Bender Filho

Beatriz Bier Johannpeter

Fábio Brun Goldschmidt

Fernando Antônio Lucchese

Fernando Luís Schüller

Hermes Gazzola

Jayme Sirotsky

Lia Dulce Lunardi Raffainer

Nelson Pacheco Sirotsky

Renato Malcon

Rodrigo Vontobel

Wagner L. dos Santos Machado

William Ling

Conselho Fiscal

Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna

Gilberto Schwartzmann

Heron Charneski

Pedro Paulo Oliveira de Sá Peixoto

Ricardo Russowsky

Volmir Luiz Gilioli

Diretores

Justo Werlang
Diretor-Presidente

Antônio Augusto Pinent Tigre

Anik Ferreira Suzuki

Carlos Cesar Pilla

Daniel Skowronsky

Ingrid de Kroes

Patrick Lucchese

Rodrigo Azevedo Pereira

EQUIPE

Diretor-Superintendente
Emílio Kalil

Superintendência-Executiva
Robson Bento Outeiro

Acervo/Ateliê de Gravura
Eduardo Haesbaert
Gustavo Possamai

Educativo

Lêda Fonseca, Consultora
Larissa Fauri, Coordenadora
Omar Flores, Agendamento
Sofia Rossatto, Mediadora
Bruna Chiesa, Mediadora
Carolina Kneipp, Mediadora
Gabriel Farias, Mediador
Jordana Lima, Mediadora
Marina Feldens Malcon, Mediadora
Milena Fernandes, Mediadora
Pietro Costa, Mediador

Patrocínios e Parcerias

Bruna Stern
Gabriela Magagnin

Comunicação

Arthur Marques

Assessoria de Imprensa

Roberta Amaral

Gestão do site e TI

Machado TI

Administrativo/Financeiro

Carolina Miranda Dorneles
Joice Souza

Consultoria Jurídica

Silveiro Advogados

Clube Iberê

Maria Luiza Sacknies

Operacional

Dudu Lorenzetti

Produção

Thiago Araújo

Conservação e Manutenção

Lucas Volpato, Consultor
Arnaldo Henrique Michel, Encarregado
Jonathas Rosa dos Anjos, Assistente

Secretaria

Luciane Zwetsch

Recepção

Henrique Ferrari

Zeladoria

Maria Lunardi

Orientação de Público

Jezabel Katz
Laura Palma
Luiza Cruzatti
Maycon Freitas

CARRETEL
FUNDAÇÃO IBERÊ

Editores

Emílio Kalil
Roberta Amaral

Projeto Gráfico e Diagramação

POMO estúdio

Revisão

Vanessa Oliveira

Conselho Editorial

Adriana Martorano
Luiz Gonzaga Lopes
Roger Lerina

Impressão

Ideograf Gráfica e Editora

Instituto Brasileiro de Museus em defesa da memória

OPINIÃO

Criado pela Lei no. 11.906 e a Lei Federal no. 11.904, ambas de 2009, o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM – surgiu com a responsabilidade de construir, apresentar, fiscalizar e administrar as políticas e diretrizes museais do país. Atualmente, pertencente ao Ministério da Cidadania, incorporou 30 importantes instituições, entre elas o Museu Nacional de Belas Artes, o Museu Histórico Nacional, ambos na cidade do Rio de Janeiro; o Museu da Inconfidência, em Ouro Preto (MG) e o Museu Imperial, em Petrópolis (RJ). No Rio Grande do Sul, o único museu de propriedade do IBRAM é o das Missões (São Miguel das Missões). Entretanto, nossa política administrativa não centra tão somente nas instituições sob a sua guarda direta. Deve, antes, estar voltada ao campo museal brasileiro como um todo, composto por 3.725 museus devidamente registrados. Como se tem feito isso? Pelo apoio à regularização de nossas casas de memória, na construção de seus planos museológicos, e, de forma subsequente, no apoio técnico-científico sempre que solicitado.

Após o incêndio do Museu Nacional, pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Brasil e o mundo foram tomados de comoção sem precedentes, sucedida de imediato por providências que visavam à proteção dos museus e que suscitam ainda sérias avaliações de risco. Neste particular, o Instituto Brasileiro de Museus tem sido o principal protagonista do setor, promovendo grupos de trabalho e seminários a respeito, de forma a difundir conhecimentos. Também assistimos o Museu Nacional num acordo de cooperação técnico-científica, firmado este ano. Em recente Acórdão, o TCU designou o IBRAM como entidade à qual devem se reportar todos os ministérios no que tange às questões dos museus, que oportunizará o apoio direto a essas instituições.

Em termos de fomento, somente neste ano, o Instituto conquistou R\$ 55,5 milhões junto ao Fundo de Defesa dos Direitos Difusos, do Ministério da Justiça, para serem distribuídos entre instituições necessitadas de obras emergenciais e definitivas,

em princípio destinadas a entidades federais. Insistimos na necessidade de que valores deste Fundo pudessem ser também distribuídos entre museus estaduais e municipais, o que foi feito, abrindo outras oportunidades e ensejando a inscrição de muitas entidades museológicas, dentre as quais o Museu Julio de Castilhos, o mais antigo do Rio Grande do Sul, carente, há muitos anos, de uma reforma global que o coloque no destaque que merece.

O MARGS, que constava do PAC- CIDADES HISTÓRICAS, também teve assegurados, pelo Fundo de Defesa dos Direitos Difusos, R\$ 5,6 milhões de reais para a sua reforma da cobertura e instalação de equipamento de ar condicionado, trabalhos a serem iniciados ainda em dezembro deste ano.

Dentre as atividades correntes do IBRAM, encontram-se os editais de apoio e modernização. No Prêmio IBRAM Modernização de Museus 2018, o Baronesa (Pelotas) conquistou apoio de R\$ 100 mil ao projeto “Visibilidade do Negro no discurso do Museu da Baronesa” e no Prêmio Ibermuseus de Educação 2019. O Museu das Missões foi classificado com o projeto “Xadrez no Museu”. O IBRAM tem contado ainda com recursos do FNC – Fundo Nacional de Cultura, da pasta da Cidadania e do BNDES.

Agradeço à Fundação Iberê pelo convite para apresentação de um breve texto sobre o IBRAM e sua abrangência, e coloco-me à disposição da comunidade de museus do Rio Grande do Sul, meu estado natal.

PAULO AMARAL ▶
Presidente do
Instituto Brasileiro de Museus



Foto: Ministério da Cidadania

Iberê nas escolas

O programa Iberê nas Escolas, presente em seis escolas da rede municipal de ensino de Porto Alegre, começa a apresentar os resultados. As atividades propostas pelos arte-educadores são diversas, de trabalhos artísticos a brincadeiras lúdicas, que tem o objetivo de auxiliar a formação dos alunos nos quatro eixos de ensino: letramento, numeramento, iniciação científica e educação do sensível.



Isogravura - EMEF Victor Issler. Foto: Divulgação

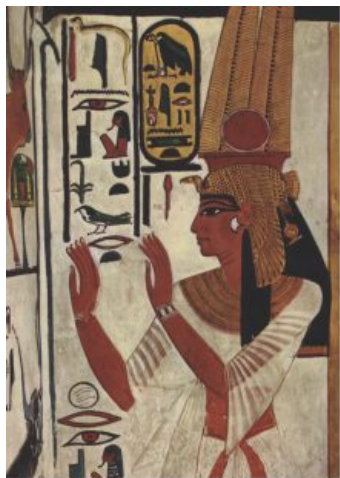
A turma da EMEF Leocádia Prestes desenvolveu um livreto de poesias autorais. Com orientação do arte-educador Felipe Fiorenza, o trabalho partiu do recorte e colagem de revistas e jornais para auxiliar de forma criativa na aprendizagem do letramento e formação de palavras. Na mesma escola, na turma da arte-educadora Mariah Pinheiro, os alunos recriaram retratos de artistas de diferentes estilos e épocas da história da arte. A atividade foi um desdobramento, proposto pela educadora,

da exposição Selfie: Iberê em modo retrato, que os alunos haviam visitado na Fundação Iberê. As crianças participaram da criação e montagem dos figurinos e fizeram sua interpretação de cada obra, para que as fotografias fossem editadas digitalmente. O resultado desta encenação, deu origem a um jogo de memória, onde a dupla deve ser formada pela obra original e a interpretada pelos alunos. Segundo Mariah "valeu a pena ao perceber as carinhas de surpresa e alegria deles ao se vestirem, se maquiarem e 'se transformarem em obras de arte'".

Já na EMEF Martim Aranha, a arte-educadora Luiza Reginatto, partiu da pergunta "como é um jardim?", para iniciarem um inventário de plantas conhecidas. Os alunos produziram seus próprios desenhos após conversarem sobre o assunto e terem contato com o livro "Vincent's Gardens", que reúne pinturas e desenhos de jardins produzidos pelo artista Vincent Van Gogh. Outro livro que fez parte dos estudos das crianças, foi "Espelho de Artista", que colocou os alunos da EMEF Lidovino Fanton em contato com a obra de Iberê Camargo e de outros artistas latino-americanos, suas obras e retratos. A atividade tinha intenção de contribuir para a construção do repertório artístico e cultural dos alunos, que produziram seus próprios autorretratos e, a partir deles, puderam começar a construir suas percepções de individualidades, singularidades e expressões.

As atividades propostas pelos arte-educadores do programa, tem intuito de envolver os alunos no contexto das artes-visuais, para estimular a criação, a invenção, e construção da linguagem da arte por meio de várias leituras de mundo. Utilizando diferentes cores, formas, tamanhos, símbolos, cada pincelada é uma história, que possui um contexto cheio de referências para cada aluno. Para a arte-educadora Mayra Marques, que atua na EMEF Victor Issler, com a diversidade de vivências em arte apresentadas aos alunos até agora, já permitem que eles percebam a arte não só como um desenho ou pintura e que pode ser criada com qualquer material. A educadora tem proposto diferentes atividades artísticas às crianças, auxiliando no processo de aprendizagem e construindo o repertório artístico de cada uma. A turma já produziu gravuras de diferentes técnicas que lhe foram apresentadas, e que possibilitaram trabalhar com o nome de cada uma, fazendo a separação de sílabas, identificação de prefixos e sufixos, auxiliando no letramento.

O programa Iberê nas Escolas, faz parte da iniciativa da Secretaria de Educação de Porto Alegre, que visa desenvolver atividades no turno inverso das escolas municipais da capital, e conta com o apoio da Viação Ouro e Prata. Até o final deste ano, o programa buscará conectar os alunos à arte como um complemento ao conteúdo trabalhado em sala de aula, buscando desenvolver crianças e jovens com mais autonomia e criatividade.



Crianças nas obras - EMEF Leocádia Prestes. Foto: Divulgação

“Alunos me surpreenderam nos desenhos de autorretratos enquanto outros na concentração para construção de maquetes. E outros ainda na aula de gravura com bolas na parede, pelo momento de liberdade que se permitiram experimentar e perceber um lado ‘terapêutico’ de uma atividade artística.”

Luana Rettamozo
Educadora na EMEF
Neusa Goulart Brizola

“De tudo o que fizemos até agora, o que mais me motiva é o crescimento da turma, especialmente no que diz respeito à fala e à escuta. Atuo com crianças de seis e sete anos que ainda não estão totalmente alfabetizadas, por isso, desenvolver a oralidade é super importante”

Yasmin Pol
Educadora na EMEF
Lidovino Fanton

“Construo as atividades com eles (os alunos), brincando e experimentando junto, e sinto ter alcançado um nível afetivo e prático em relação a minha turma, através de nossas ações e experiências artísticas. A conexão com a comunidade da escola e seus contextos também tem sido um fator importante para que o programa se aprimore cada vez mais.”

Henrique Fagundes Machado
Educador na EMEF
Vereador Martim Aranha

José Bechara

Território Oscilante

12 de outubro a
15 de dezembro
ENTRADA FRANCA
Quartas a domingos,
das 14h às 19h

S E R V I Ç O



Realizar uma exposição é reunir um conjunto de peças que dialoguem, mas, também, estabelecer uma relação com o espaço arquitetônico, de modo a construir intervalos, vazios, distâncias.

JOSÉ BECHARA



A exposição do artista carioca José Bechara na Fundação Iberê Camargo reúne diversos momentos de uma trajetória - 30 anos, desde as pinturas oxidadas, passando pelos exercícios fotográficos, pelos seus muitos e pequenos desenhos de ateliê e suas potentes instalações com vidro.

Com a curadoria de Luiz Camillo Osório, Território Oscilante vai da fotografia à instalação, apostando no transbordamento da experiência poética para fora das convenções expressivas determinadas pela história da arte. A apropriação das mesas como superfície escultórica e a volta constante ao desenho como exercício gráfico mostram que a obra do artista está em constante interrogação. José Bechara iniciou seus estudos em 1987, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Quatro anos mais tarde, passou a integrar um ateliê coletivo na Lapa, centro do Rio de Janeiro, com Angelo Venosa, Luiz Pizarro, Daniel Senise e Raul Mourão. Mas somente em 1992, já em seu novo ateliê no bucólico bairro de Santa Teresa,

que ele começou suas experimentações com suportes e técnicas diversificadas, até hoje uma característica marcante de seus trabalhos.

Outra particularidade de Bechara é a geometria. O carioca foi fortemente influenciado por Kasimir Malevich (1878-1935), um dos mais importantes pioneiros da arte geométrica abstrata, tendo fundado, em 1913, o Suprematismo.

“Há alguns anos visitei uma retrospectiva de Malevich no The Metropolitan Museum of Art e me assustei. Vi ali um mundo pensado no começo do século passado. Foi o trabalho, a pesquisa, a investigação e a poesia dele que me moveram nessa direção, mas com um dado novo que é pensar a geometria como um indivíduo que se esforça muito para emergir. Sim, a geometria é o topo da ciência que afirma o mundo, é precisa. Mas eu gosto de pensá-la como nós somos, humanos, cheios de falhas e imperfeições. A minha geometria sustenta peças que podem desmontar, vidros que podem quebrar, objetos depositados com gravidade e podem cair. Uma geometria com drama, esforçando-se para existir”, diz o artista.



Bechara por Bechara

A arte das incertezas

Você aprende arte, mas ninguém te ensina. Pelo menos não conheço ninguém que tenha conseguido ensinar. Durante minha passagem pela Escola de Artes Visuais do Parque da Lage, Charles Watson foi minha maior referência. Ele ajudava seus alunos a problematizar o que faziam, a questionar seu trabalho. Então eu nunca trabalho com certezas. Mesmo que você dê uma pintura ou uma escultura como prontas, há sempre um resto de dúvida.

O inesperado

Meus planos nunca dão certo. E não é que eu provoque acidentes, mas acontecem a todo tempo. Alguma coisa cai, alguma coisa falta e esse tipo de problema dá fôlego, animação para fazer o próximo trabalho. Existe uma intenção, mas ela não é precisa nem reta. Ela é atraída pelo acidente e pode ser alterada a partir de respostas obtidas a cada ação.

No limite

Eu não tenho essa coisa de estancar um trabalho ou de cumprir uma investigação, uma pesquisa. Eu trabalho, simultaneamente, com pintura e escultura, uma invade a outra e elas vão se contaminando não de uma maneira intencional. Em determinadas produções, os resíduos de um pensamento escultórico estão presentes na pintura, e vice-versa. E eu gosto disso, de trabalhar no limite entre gêneros.

Em busca do novo

Há quem diga que tudo existe, só não tinha sido visto. Eu já penso diferente e todos os dias faço a mesma coisa: procuro coisas que não existem. Com toda a poesia, música, dança, literatura, ideias e os insistentes dramas dos indivíduos na sociedade, o homem continua selvagem. Está intrínseco na chamada natureza humana. Eu gosto de problema, de equação insolúvel, e é essa procura e o fazer que me interessam.



A moda pelo viés da arte

Não é de hoje que a moda volta seus olhos para a arte. Divergências à parte, os dois universos sempre buscaram o diálogo, seja de forma subjetiva, quando a arte inspira uma coleção ou, literalmente, quando os traços do artista se tornam o diferencial de uma peça de roupa.

A revolução do movimento modernista do início do século XX foi inspiradora para a moda e, a quebra de estereótipos e a libertação de ideias impulsionaram uma ligação entres as duas vertentes. Começou tímida, apenas com referências cubistas no estilo Chanel, e depois audaciosa com Elsa Schiaparelli, que a conectou ao momento artístico da época. Vários estilos de arte, como o Dadaísmo, Surrealismo, Cubismo, Pop Art e Art Deco, inspiraram a estilista a inovar sem medo em modelos criativos e extravagantes para sua coleção.

A década de 50, marcada pelo New Look de Dior, foi um período de retorno à alta costura e, a seguinte, de quebra de regras, onde os jovens propuseram um novo estilo de vida, refletindo isso na indumentária para exteriorizar seu ser. Em 1965, Yves Saint Laurent lançou uma coleção inspirada no holandês Piet Mondrian, com estampas geométricas e a linha trapézio, símbolo do que era moderno e elegante naquela época.

Neste período, a moda ainda engatinhava no Brasil e foi o publicitário italiano radicado em São Paulo, Livio Rangan, que criou as primeiras campanhas e desfiles grandiosos, mesclando peças assinadas por estilistas nacionais, arte e cultura pop. Por trás do projeto estava a Rhodia, empresa francesa de fibras sintéticas que acabara de chegar ao país e precisava se tornar conhecida. A estratégia utilizada foi convidar artistas plásticos para desenhar estampas de peças únicas apresentadas a cada coleção, entre eles Iberê Camargo, Tomie Ohtake, Milton Dacosta, Nelson Leirner, Ivan Serpa, Manabu Mabe, Alfredo Volpi, Willys de Castro. Parte das criações se perdeu ao longo do tempo (caso de peças de Iberê, Ohtake e Dacosta), mas 79 modelos de 28 artistas foram doados em 1972 ao Museu de Arte de São Paulo, formando um conjunto batizado de Coleção MASP Rhodia.

Em 1986, foi a vez do Grupo de Moda Vanguarda Sul lançar sua coleção outono-inverno no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, apresentando um audiovisual de Iberê pintando três manequins vestidas com roupas e acessórios escolhidos pelo próprio artista. "O fato de Iberê Camargo ter se sensibilizado com este momento da moda dá ao evento um componente de maior repercussão", disse na época Evelyn Berg loschpe, então diretora do Margs.

Na medida em que moda é "aceita" como arte e em que um desfile se articula com artistas, volta a discussão. Moda é arte? Para Gloria Kalil, não. Enquanto a arte propõe reflexões, se não for vendida não perde seu valor, a moda é unicamente uma indústria criativa:



É verdade que a roupa é uma forma de expressão, mas não é arte. A arte tem um elemento cultural de ruptura. É mais profundo, propõe novas formas de olhar o mundo. E a moda é uma indústria, feita para ser consumida e não refletida.

Na opinião de Lilian Pacce, moda é apenas uma forma com inspirações mútuas. Segundo a jornalista, há muitos exemplos de estilistas se inspirando ou colaborando com artistas e, também várias instituições culturais enriquecendo seu acervo com roupas assinadas por grandes nomes da arte contemporânea, como é o caso do MASP. "(...) A moda é uma das atividades importantes no campo da arte, e ainda que com suas épocas passageiras e variáveis, está ligada com recíprocas influências que a traz na vida do homem. (...) O vestido é para o corpo como o estilo é para uma época. Por outro lado, deve-se ressaltar que um belo traje vale tanto quando uma boa pintura. A moda é sempre a consequência de



um modo de pensar e de viver (...)", disse em 1951 Pietro Maria Bardi, diretor e fundador do museu junto com Assis Chateaubriand. O discurso que relaciona arte à moda ganhou novo impulso com Juliana Sá, diretora de relações institucionais do MASP. Em 2018, ela se uniu com Amalia Spinardi, uma das patronas do museu, para retomar o envolvimento da instituição com o mundo da moda. O jantar MASP MODA apresentou aos convidados um recorte de seu acervo e deu start à renovação de seus programas, trazendo novos nomes e projetos da moda brasileira. *"Temos um grandioso acervo de moda. Guardadas as devidas proporções, queremos que o MASP seja referência como o Costume Institute, do MET - Metropolitan Museum of Art, em Nova York. O sonho mesmo é conseguir ser o que o MET é pra moda em termos de museu"*, diz Juliana.



Foto maior: Iberê Camargo, *Cris, Cláudia e Bebel*, manequins de Porto Alegre, 1986.
Foto menor: Iberê Camargo em seu atelier, com as modelos Crislaine, Cláudia e Bebel.
Matéria de Célia Ribeiro para o jornal *Zero Hora* em 6 de abril de 1986.

Quem é o gaúcho por trás da Calvin Klein



Para fazer moda tem que gostar de arte. É preciso entender as formas, suas conexões com o mundo real e ter sentimento para representá-la no produto. O processo criativo também é uma arte para compreender o cliente e conectar-se com seus desejos e sentimentos.

FERNANDO BELMONTE

Itaqui é um município com pouco mais de 38 mil habitantes, localizado na fronteira com a Argentina e a 616 quilômetros de Porto Alegre. Seu nome tem origem na língua Guarani e significa "pedra macia boa para afiar", e, não à toa, uma das qualidades de seu filho Fernando Belmonte, vice-presidente de Produto da Calvin Klein.

Fernando assumiu o desafio no segundo semestre de 2018, trabalhando para o designer Raf Simons, que acabou saindo oito meses antes de seu contrato terminar por não trazer o retorno esperado pela PVH Corporation, uma das maiores empresas de vestuário que possui e comercializa as icônicas marcas CK e Tommy Hilfiger em âmbito mundial. A leitura dos executivos foi de que o consumidor médio da marca não conseguiu se conectar à proposta mais conceitual de Raf para as demais linhas comerciais de jeans e underwear, responsáveis pelo maior faturamento da marca que, atualmente, gira em torno de US\$ 9 bilhões ao ano.

No início de março, a CK anunciou o fechamento da sua linha de alta moda para se concentrar na moda de alto consumo. Agora, Fernando assume a mudança de rumo estratégica e a troca do nome de sua marca Calvin Klein 205W39NYC, com o fechamento da emblemática loja na avenida Madison, em Manhattan.

Salto para NY

Um artista com traços finos e elegantes, Fernando Belmonte mudou-se para Porto Alegre com o sonho de ser designer de moda. Recém-chegado à Capital, mandou seus desenhos para Xico Gonçalves, e, aos 17 anos, tornou-se estilista da badalada grife X&C. Pouco tempo depois, inquieto, arriscou-se em um concurso para trabalhar no Atelier Rui Sphor e foi um dos três selecionados. *"Foi um ato de ousadia que deu certo. Eu, que mal viera de Itaqui, entrei com outros dois jovens que haviam estudado moda no exterior"*, recorda.

Depois da experiência com os maiores estilistas dos anos 80 e 90, Fernando criou a própria grife, que levava seu nome, e foi escolhido por Celia Ribeiro o Designer do Ano. Mais uma vez, fechou sua loja e voltou a trabalhar com Rui que, na época, queria "rejuvenescer" a marca.

Além de influenciar o gosto de Fernando Belmonte pela arte, Rui Sphor enxergou naquele menino de Itaqui um potencial de criatividade, desenvoltura, liderança e gestão. A partir desse momento, ele deixou as linhas e os traços de lado, coordenou a reforma do Atelier, assinada pelo arquiteto Marcos Noronha, reformulou a grife, ajudou a aumentar o faturamento e seguiu o conselho de Rui e Doris: o Brasil estava pequeno demais para seu potencial. Seu lugar era o mundo.

Chegando a NY, matriculou-se em cursos de Inglês e também de Moulage e História da Moda, na Parsons The New School of Fashion, a faculdade "Número 1" de moda dos EUA, que tem entre seus alunos estilistas como Donna Karan, Marc Jacobs, Tom Ford e Narciso Rodriguez. Além de aprender, Fernando precisava do visto para permanecer e crescer profissionalmente naquele país.

Foi então que, um dia, dois brasileiros conversavam no elevador da Parsons sobre um estágio não remunerado para os desfiles de moda de NY que aconteceriam dali um mês. Fernando candidatou-se à vaga, foi selecionado e trabalhou como auxiliar de um modelista da Jill Stuart, até ser chamado para a FIT - Fashion Institute of Technology.

Nessa época, a Jill Stuart havia fechado um contrato milionário com o Japão, e o dono da marca disse que Fernando não precisava estudar para ganhar o visto; ele mesmo providenciaria para continuar trabalhando. *"As portas estão à nossa frente. Basta entrar sem medo e saber o que fazer e fazer bem feito. Tem muita gente talentosa que não enxerga as oportunidades, porque, realmente, o mundo da moda é trabalho, principalmente num país que não é o seu. Não existe nenhum glamour. São quase 20 horas de trabalho por dia sem reclamar".*

Reposicionamento de sucesso grifes Coach e Halston

O primeiro trabalho de Fernando como diretor de Produto de uma grande marca foi na Coach. Foram cinco anos trabalhando diretamente com o estilista americano Reed Krakoff que, atualmente, ocupa o mesmo cargo na tradicional Tiffany & Co., nas linhas de luxo para viagens, coleções de acessórios da joalheria e em decisões relacionadas ao merchandising e o marketing da empresa.

Da Coach, Fernando foi para a Halston. A marca criada pelo estilista, Roy Halston Frowick, fez sucesso na década de 1960, vestindo famosas como Liza Minelli e Elizabeth Taylor, além da primeira-dama Jacqueline Kennedy. Mas começou a perder espaço no mercado norte-americano com a venda para o grupo Norton Simon Industries e posterior demissão de seu criador, que levava uma vida marcada por excessos de álcool, drogas e festas.

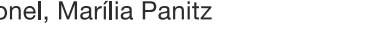
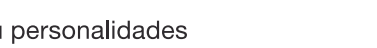
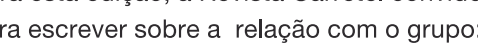
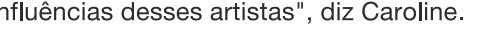
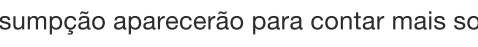
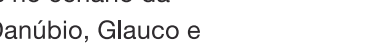
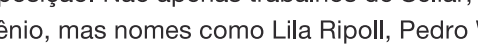
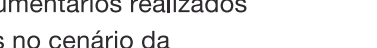
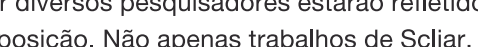
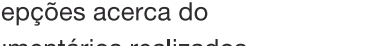
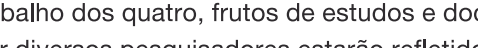
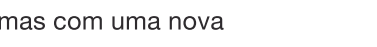
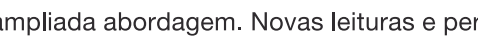
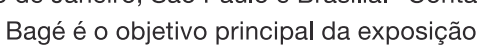
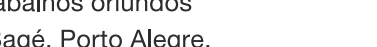
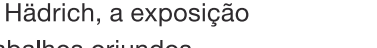
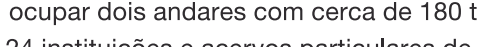
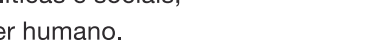
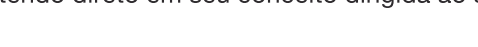
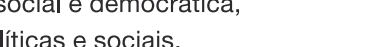
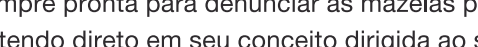
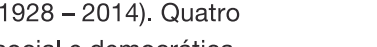
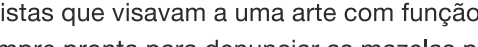
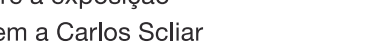
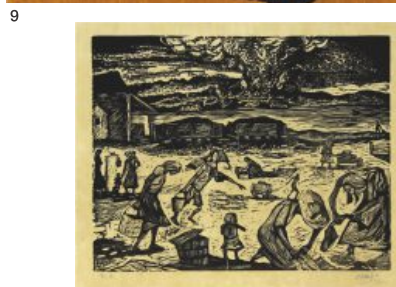
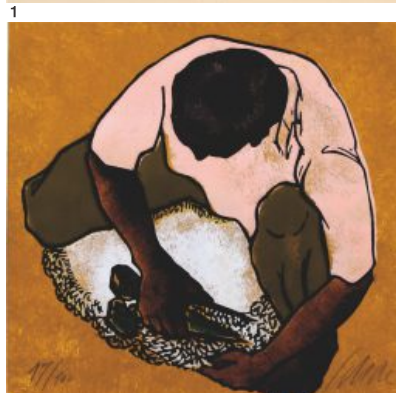
A Halston só voltou à cena fashionista em 2008, impulsionada por nomes como a stylist Rachel Zoe. Nos últimos anos, apareceu com frequência em tapetes vermelhos importantes e no figurino de filmes como "Sex and the City 2", estrelado e produzido por Sarah Jessica Parker. Nesse mesmo ano, o gaúcho emplacou um golaço com Madonna: a cantora foi capa da Elle francesa, vestindo uma malha da grife.

Revolução Cultural

Para Fernando Belmonte, o maior desafio é reinventar-se mantendo o padrão e no topo das grandes marcas. Muitas lojas estão fechando suas portas porque as pessoas não estão mais dispostas a passar horas em lojas. A tecnologia permite que elas sejam únicas, com atendimento e modelos personalizados. A linha de luxo Calvin Klein 205W39NYC (antiga Calvin Klein Collection, rebatizada por Simons) e a icônica flagship da label na Madison Avenue, em Nova York, com interior repaginado pelo artista americano Sterling Ruby em 2017, fecharam em fevereiro e abril.



Estar na Calvin Klein e sentar com o CEO da empresa, Steve Shiffman, é uma das minhas maiores escolas. É acompanhar a evolução da empresa, interconectando todas as linhas da marca e amplificando cada uma de suas experiências. É perceber que a marca está viva, interagindo com outros públicos e caminhando lado a lado com as novas tecnologias.



No dia 30 de novembro, a Fundação Iberê abre a exposição **Os Quatro - Grupo de Bagé**, em homenagem a Carlos Scliar (1920 – 2001), Danúbio Gonçalves (1925 – 2019), Glauco Rodrigues (1929 – 2004) e Glênio Bianchetti (1928 – 2014). Quatro artistas que visavam a uma arte com função social e democrática, sempre pronta para denunciar as mazelas políticas e sociais, batendo direto em seu conceito dirigida ao ser humano.

Com curadoria de Carolina Grippa e Caroline Hädrich, a exposição vai ocupar dois andares com cerca de 180 trabalhos oriundos de 24 instituições e acervos particulares de Bagé, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. "Contar a história do Grupo de Bagé é o objetivo principal da exposição, mas com uma nova e ampliada abordagem. Novas leituras e percepções acerca do trabalho dos quatro, frutos de estudos e documentários realizados por diversos pesquisadores estarão refletidos no cenário da exposição. Não apenas trabalhos de Scliar, Danúbio, Glauco e Glênio, mas nomes como Lila Ripoll, Pedro Wayne e Clovis Assumpção aparecerão para contar mais sobre a trajetória e influências desses artistas", diz Caroline.

Para esta edição, a Revista Carretel convidou personalidades para escrever sobre a relação com o grupo: Luis Fernando Veríssimo, Marcus de Lontra Costa, Luiz Coronel, Marília Panitz e Zeca Brito.

Grupo de Bagé: A arte pela democracia

Os de Bagé

Luis Fernando Veríssimo

Três eram de Bagé – o Glenio Bianchetti, o Glauco Rodrigues e o Danúbio Gonçalves – e um era estrangeiro, o Carlos Scliar, de Santa Maria. O Scliar não demorou a se naturalizar bageense, e estava formado o quarteto.

O que os unia era a arte – e a experiência de ser artista numa cidade pequena. Mas Bagé não era uma típica cidade do interior gaúcho. Tinha poetas, tinha vida intelectual, não era exatamente um desterro cultural que engoliria os moços. Ajudava o fato de que a arte não só unia os quatro como os quatro tinham uma ideia comum do que a arte deveria ser, se não quisesse ser apenas decoração de interiores. Desde os primeiros trabalhos publicados pelo Clube da Gravura, que os quatro fundaram, era evidente que uma preocupação com o social e um realismo consciente predominavam.

O grupo se dispersou mas, na verdade, nunca se separou. O Glenio e o Danúbio mudaram-se para Porto Alegre. O Glauco foi para o Rio, o Scliar foi para o mundo. O Glenio acabou em Brasília, onde foi um dos primeiros a chegar e viveu até o fim. O Danúbio permaneceu em Porto Alegre. O Glauco, no Rio, conquistou uma reputação internacional com uma obra colorida e brilhante na qual nunca faltou a estocada crítica. Scliar teve a vida mais aventureira dos quatro - esteve até na guerra contra o fascismo.

Os quatro de Bagé já morreram. Ficaram a obra de cada um e a mística de uma irmandade que atravessou o tempo sem nunca esmaecer. Onde quer que estivessem, os quatro nunca se separaram.



Foto: Acervo Leandro Bianchetti
Grupo de Bagé, Foto: Divulgação



Página ao lado: 1. Carlos Scliar. Ponche emalado, serigote e pelegos, 1955. Linóleo e pochoir sobre papel. 13,5 x 28,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por compra, 1956. Foto: Fabio Del Re e Carlos Stein - VivaFoto | 2. Glenio Bianchetti. Pilão. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Foto: Fabio Del Re e Carlos Stein - VivaFoto | 3. Revista Senhor, agosto de 1959. Capa de Glauco Rodrigues e Jaguar | 4. Danúbio Gonçalves. Minas do Butiá, 1955. Grafite e aquarela sobre papel. 30,3 x 23 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014. Foto: Raul Holtz | 5. Revista Senhor, fevereiro de 1960. Capa de Glauco Rodrigues | 6. Pedro Wayne. "Montparnasse" em Bagé. Revista do Globo, 26 out. 1946 | 7. Glauco Rodrigues. Retrato de Maria Helena Lopes, 1952. Óleo sobre tela. 100 x 65 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - Aquisição por doação de Maria Helena Mendieta Lopes, 2007. Foto: Fabio Del Re e Carlos Stein - VivaFoto | 8. Danúbio Gonçalves. Sem título, 1954. Xilogravura sobre papel. 20,1 x 25,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli Transferência do Museu Estadual do Carvão – Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - Aquisição por doação do artista, 1984 RS, 2014. Foto: Raul Holtz | 9. Carlos Scliar. Sem título, 1974. Linóleo e pochoir sobre papel. 20,5 x 21 cm. Foto: Fabio Del Re e Carlos Stein - VivaFoto

Carlos Scliar o método e a métrica

Ao longo de seis décadas de produção ininterrupta e abundante Carlos Scliar nos legou um extraordinário patrimônio cultural composto por suas gravuras, desenhos e pinturas. Talvez nenhum outro artista sintetize de maneira mais evidente os desafios, os desejos e os dilemas da ação e da estratégia modernista no Brasil.

Filho de imigrantes, homem da fronteira, desde cedo o nacionalismo é elemento que estrutura a identidade de Carlos Scliar. A sua sólida formação cultural e sua precoce sintonia com os anseios e as expectativas do mundo surgido após a revolução socialista de 1917 garantem para o jovem Scliar destaque na imprensa e na vida intelectual da capital gaúcha. Diferentemente dos artistas brasileiros que tinham na França a sua referência e, muitas vezes, o seu espelho, Scliar compreendeu o espaço de construção artística moderna por meio dos filmes e gravuras expressionistas alemães. Toda a sua trajetória artística tem como origem a sua sensibilidade gráfica: clareza de composição, disciplina no processo artesanal, síntese de mensagem que faz de cada obra um meio de comunicação direta e efetiva com o seu público.

Após a segunda grande guerra, onde lutou como soldado contra o nazi-fascismo e realizou uma impressionante série de desenhos chamada "Cadernos de guerra" Scliar retorna

da Europa disposto a colaborar na elaboração de uma estética modernista mais humana e comprometida com a defesa planetária. Assim, ele retorna ao rio Grande do Sul e juntamente com seus companheiros Danúbio Gonçalves, Glauco Rodrigues e Glenio Bianchetti, propõe um retorno à valorização técnica do desenho, a identificação de uma temática regionalista, dentro das propostas que fundaram os clubes de gravura de Bagé e Porto Alegre. Caminhando na contra-mão dos movimentos abstracionistas, esse patrimônio artístico de grande valor nem sempre foi compreendido pelo sistema de arte e pelos postulados modernistas tradicionais. Hoje, entretanto, novas leituras impostas pelo mundo contemporâneo dão a esse movimento o reconhecimento merecido, nele identificando aspectos inovadores não apenas em sua temática mas também nas suas formulações estéticas e conceituais, inserindo-os dentro de um contexto específico que entende o modernismo brasileiro como um desafio particular, um discurso que se utiliza de um diálogo com nossas raízes culturais projetando-as para o futuro. Assim, podemos afirmar que as experiências do modernismo paulista, dos clubes de gravura e por fim, a construção de Brasília em pleno planalto central brasileiro, revelam uma "interiorização" que caracteriza o modernismo em nosso país.

* Marcus de Lontra Costa, curador

Carlos Scliar. Cavalete com arreios e banquinho. Foto: Fabio Del Rei e Carlos Stein - VivaFoto





Danúbio Gonçalves

consagração absoluta de uma vida à sua arte

Existe uma palavra pouco explícita, “bageensidade”, por certo de componente bairrista, mas nem por isso destituída de consistência. Em Bagé, acontece a República Rio-grandense e por aí marcham garbosos ou cômicos fatos insólitos, que se tornam cotidianos.

Embora já longo se faça meu andar, o Grupo de Bagé sempre esteve próximo de mim. Vejamos: minha irmã Maria Amélia fora uma espécie de secretária do grupo. Era uma juvenzinha, e em minha casa reclamava-se o seu atraso à hora das refeições, tão envolvida no trabalho daqueles rapazes pintores, gravadores, artistas destinados à criação de um trabalho grandioso, no campo das artes plásticas.

No giro das roldanas do tempo, volta e meia retorna o enfoque valorizador do trabalho do grupo. E que não se faça desses momentos apenas um tilintar de taças, aplausos, exposições e palestras, tenha-se então como reflexão e impulso sobre a importância da arte e da permanência da obra de nosso “quarteto triunfante” de Bagé.

Subo numa banqueta para proclamar que o Rio Grande é um estado ao sul de si mesmo. Somos em tudo iguais e em tudo diferentes dos demais brasileiros.

Distância geográfica e fatores históricos nos levam a um distanciamento do qual somos vítimas e cúmplices. O Brasil convive com o Rio Grande por meio de seus símbolos e não por meio de sua pulsante realidade.

Glênio, dos murais palacianos; Glauco, conciliando o tradicional às vanguardas; Scliar, captando a poesia dos utensílios domésticos; Danúbio, o depoimento ágil e denso da vida nas charqueadas. Sempre reconheci a erupção dos movimentos transformadores como uma arregimentação da força criativa dos artistas, explodindo, vencendo barreiras, rompendo a casca, saltando para o meio do mundo.

Com essa visão, deparo o Renascimento, após mil anos de sonolência medieval e, no caso brasileiro, a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo. E, assim, o Grupo de Bagé, a Califórnia da Canção de Uruguaiana.

Dos componentes do Grupo de Bagé muito convivi com meu parceiro em livros e murais Danúbio Gonçalves. Ao despertar, pela manhã, minha governanta avisava: “aquele senhorzinho está esperando pra tomar um café com o senhor”. Era o silencioso, profundo artista Danúbio Gonçalves. Na modesta e acanhada cerimônia do adeus, coloquei minha cabeça entre as mãos, sentindo que partia um homem de mãos abençoadas e talento vigoroso.

* Luiz Coronel, escritor, compositor e publicitário

Glênio Bianchetti e a arte para muitos olhos

Um apartamento “brasiliense” (modernista): lugar onde, pela primeira vez, convivi com um artista em seu processo de trabalho. O atelier, na sala, recebia quem chegasse. Passei a frequentá-lo porque era colega de uma de suas filhas. Começávamos a universidade, no Departamento de Arte, do qual ele havia sido professor, no início dos anos 60 até o golpe. Ele se interessava por quem chegava, convidava a sentar e a observar. Que ato importante era vê-lo pintar. Depois desse tempo, fui professora na escola de arte que Ailema Bianchetti e outras duas sócias dirigiam. A partir daí, passamos a conviver (até hoje) com sua obra, seu legado, sua família e uma história que continua se desvelando dentro do atelier de sua casa, com seus quadros, suas gravuras, e os arquivos de seu percurso organizados por Ailema.

Documentos que nos permitem voltar a Bagé, ao início, ao aprendizado, ao grupo de artistas que deslocou o centro dos acontecimentos para a cidade das fazendas, perto da fronteira do Uruguai. De lá, os jovens Glênio Bianchetti, Carlos Scliar, Danúbio Gonçalves e Glauco Rodrigues começaram a falar para o mundo. A gravura que se produziu a partir daí representa o pampa, o homem comum da região. Há uma convicção (em sintonia com os artistas modernistas de outros lugares do Brasil) que essa é a função da arte. E esta convicção acompanha Glênio por todo o seu percurso.

De Bagé, muda-se para Porto Alegre e de lá a Curitiba e Brasília, onde vem ajudar Darcy Ribeiro a construir o sonho da universidade nova, na “cidade nova, síntese das artes”. O sonho coletivo se desfaz em poucos anos, mas se sustenta no embate com o material, na produção da obra do artista.

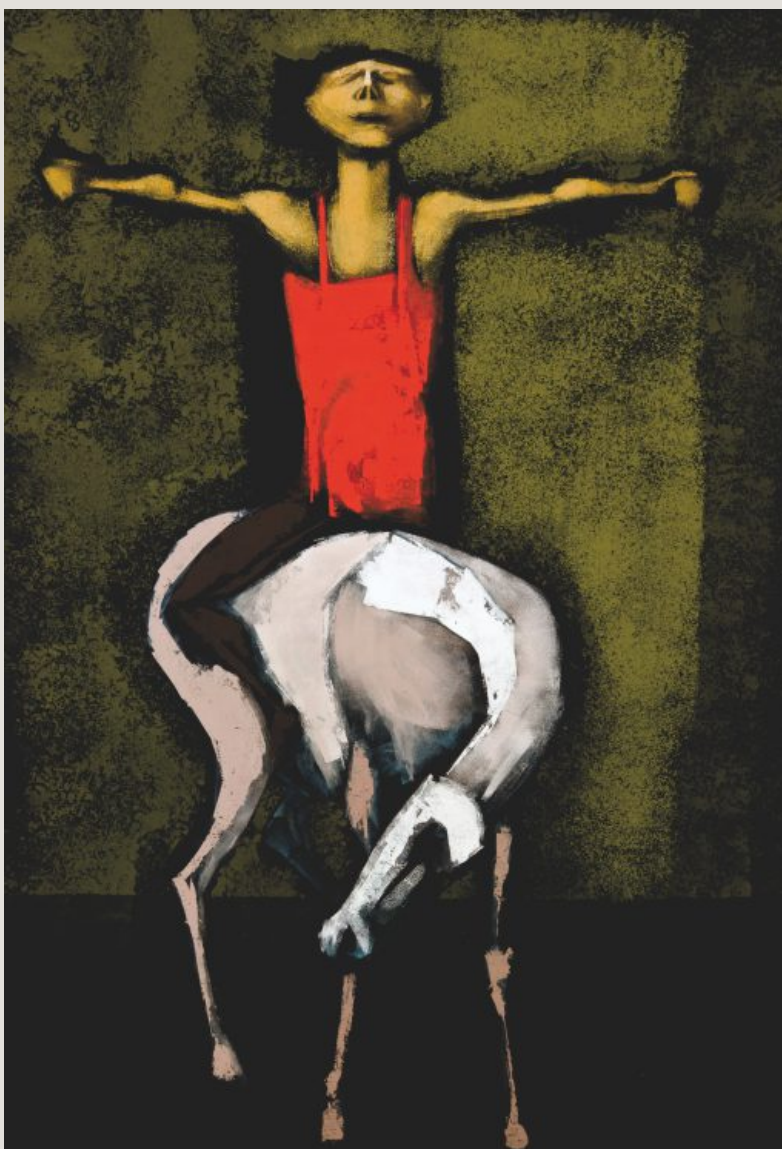
Os anos 70 reúnem outra vez o grupo de Bagé, em sua cidade natal. É realizado um encontro de artes plásticas, do qual tomam parte vários artistas de todo o Brasil. Glênio traz uma série de croquis e obras em torno do homem do pampa. Mas a linguagem, embora guarde a estrutura das gravuras dos anos 60.

Brasília, em sua longa convivência com Bianchetti, foi incorporando, a seus espaços, as imagens produzidas por ele. Em prédios públicos, em coleções particulares, lá estão as representações do trabalho, com seu apelo épico, homem transformando a natureza. Ao seu lado, o jogo e a sensualidade, corpos distendidos, em repouso. E as paisagens da planície do pampa ao planalto central e a linha do mar, os horizontes retos, cortados pelos corpos e pelas árvores.

O último trabalho de Glênio ficou inacabado. Dos traços que ficaram sobre a base da tela, adivinhamos as cores e gestos que viriam e que continuam dentro de nossos olhos.

* Marília Panitz, Crítica de arte
e curadora independente

Glênio Bianchetti. Homem no cavalo branco. Foto: Fábio Del Rei e Carlos Stein - VivaFoto





Glauco Rodrigues antropófago de si

Glauco Rodrigues foi um gaúcho de Bagé que reinventou o Brasil. Um dos arautos da modernidade sulista, desenhista e gravador do “Grupo de Bagé”, foi também grande pintor e um dos maiores ilustradores e designer gráfico do país. Na pintura, hoje encontra seu apogeu historiográfico no cenário internacional, com obras expostas recentemente na Bienal de Istambul, Tate Gallery e na École des Beux Arts de Paris. Elaborou um vocabulário que resgata a iconografia histórica e que recolhe todos os fragmentos esquecidos de passado e presente para escrever um alfabeto brasilianista e provocador.

No auge da ditadura militar, produziu suas mais expressivas pinturas de raiz crítica e política. O discurso não verbal, mas de potência visual, se expressa como mensagem ao futuro e pode também nos revelar o resultado de pactos sistêmicos. A causa, a raiz política e crítica, se potencializa em

“camuflagem”. Glauco adentra na selva, se esconde entre penas e folhas de bananeira, mas é certo no tiro, na leitura da sociedade com que pactua. O trânsito é questão fundamental para pensarmos a poética de Glauco. Trânsito que estabelece diálogos com a história e com o tempo, seja ele cronológico ou diacrônico. Um trânsito com idas e vindas, da cópia autodidata ao domínio do desenho de observação e perspectiva, de um Realismo Crítico para uma poética abstrata.

De artista figurativo negado pelos abstratos nos anos 1950 a artista abstrato consagrado na Bienal de Veneza em 64. De artista abstrato a artista pop, do Pop futurista ao Tropicalismo Crítico. Dos objetos infláveis aos mapas em madeira, das serigrafias aos objetos em acrílico. Da pintura de cavalete aos estandartes. O trânsito entre o fundo vazio e branco na ditadura e o fundo colorido e carnavalesco na democracia. O trânsito dentro de seu próprio repertório, palhetas e personagens, voltando a ser realista, abstrato, minimalista ou o que quisesse ser, como um antropófago de si.

* Zeca Brito, Cineasta



Bastidores da arte: os caminhos que levam até a exposição

Nos últimos anos, o Brasil tem despontado como destino importante de grandes exposições de arte. Segundo o editor de arte da BBC, Will Gompertz, até pouco tempo, o ranking de mostras mais visitadas era inteiramente dominado por exposições sediadas em instituições da Europa e dos Estados Unidos. A novidade, afirma ele, é um reflexo das mudanças na ordem mundial, com o Brasil e a China aparecendo na relação das 20 mais visitadas. "Essa mudança pode se dar por meio de países que resolvam construir e/ou modernizar seus museus ou, cada vez mais, por corporações com talento tanto para farejar arte como para promover suas próprias marcas".

Em março deste ano, a Fundação Iberê reabriu suas portas durante a semana e vai fechar 2019 com 14 exposições: Iberê Camargo, de artistas residentes do Ateliê de Gravura, Cecily Brown (EUA), Louise Bourgeois (FRA), itinerância da Bienal de São Paulo, Grupo de Bagé e outros artistas brasileiros como Daniel Senise (RJ), Wesley Duke Lee (SP), José Bechara (RJ) e Vik Muniz (RJ). O número de visitantes evidencia a crescente procura de porto-alegrenses e turistas interessados tanto nas mostras quanto na arquitetura de Álvaro Siza. De janeiro a julho foram registradas mais de 35 mil visitas, 30% a mais em relação ao mesmo período do ano passado.

Toda programação da Fundação é gratuita, e muitos visitantes não fazem ideia de sua complexidade e do investimento despendido na produção de uma exposição. Geralmente, ela começa a ser pensada com um ano de antecedência e envolve um número significativo de profissionais, orquestrado por um colegiado curatorial e gestor.

Assim como o maestro na música, a figura do curador é tão importante quanto a do artista. Nos tempos de Michelangelo, Rembrandt ou Monet, curadores de arte sequer existiam. Essa nova profissão surgiu no século 20, graças ao crescimento do mercado de arte. Hans Ulrich Obrist, curador e diretor da Serpentine Galleries de Londres, define o significado da profissão em quatro pontos principais: preservar, no sentido de salvaguardar a herança da arte; selecionar os novos trabalhos; conectar à história da arte; e organizar e exibir o trabalho. Sendo assim, os curadores estão envolvidos em praticamente todos os aspectos das atividades de um museu, além de terem papel fundamental no processo de seleção e aquisição das instituições, decidindo como destinar o orçamento e quais trabalhos exibir.

"O maior desafio de um curador é ser um bom curador. Alguém comprometido com a pesquisa, com a formação contínua, muita leitura de história, política, filosofia, estética, ficção e cinema. O curador precisa escrever um texto conciso que fale da obra mais do que ela própria e monte uma exposição em que haja coerência entre as obras e o espaço. O curador é a pessoa que promove o distanciamento de sua obra. Cabe a ele uma leitura crítica sobre o trabalho", explica Daniela Labra, curadora e crítica de arte.

Daniela destaca ainda a diferença em trabalhar com "novos" e "velhos" artistas: "O artista em ascensão chega com gás, uma série de ideias e muitas possibilidades. Cabe ao curador, como interlocutor, o papel de organizar essas ideias e pensar junto a exposição. Por sua vez, o artista com longa trajetória está aberto a ouvir, mas já absorveu tanta coisa e tem tantas referências que é o curador quem acaba ouvindo. Ele é menos ansioso e sabe o que quer. Pede sugestões, sabe escutar e recuar, mas ele não tem dúvidas".

Tarefas especializadas

Definidos o tema a ser abordado e o período de realização, vêm a pesquisa e a seleção das obras. Elas são encaminhadas ao setor de conservação, que dirá quais estão em condições e quais devem passar por intervenções de conservação para integrar a mostra. O passo seguinte é a tramitação técnica das obras selecionadas. Simultaneamente, estão

trabalhando as equipes de conservação, museologia, expografia e produção que, acompanhadas do curador, visitam com antecedência o local onde será realizada a exposição.

Um capítulo à parte nesse roteiro diz respeito à logística de embalagem, acondicionamento, tarefas que devem observar rígidos padrões internacionais. As obras são acomodadas em embalagens especiais, confeccionadas com materiais altamente isolantes, e transportadas em veículos climatizados, para se assegurar a integridade física de bens únicos.

A saída e a chegada de bens culturais cumprem um roteiro muito semelhante nas instituições museológicas de todo o mundo. O deslocamento é feito com o acompanhamento de um courier, palavra importada que designa o responsável por acompanhar a tela ou objeto que sairá do acervo, geralmente funcionário do museu que está fazendo o empréstimo. Antes de expostas e ao término da exposição as obras são vistoriadas. São examinadas, por exemplo, a textura da imagem (no caso de pinturas) e qualidade de conservação, entre outros quesitos.

Após o evento de abertura, segue-se o período de visitação e entra em cena o serviço educativo, que trata da interlocução realizando atividades de mediação. Ao final do período da mostra, é chegada a hora da desmontagem e voltam novamente ao trabalho as equipes de transporte, seguro, museologia, expografia e courriers para procederem a reembalagem e devolução das obras com os devidos cuidados que asseguram a integridade física de peças que, em sua maioria, possuem alto valor histórico.

Viagem segura

O cuidado para transportar obras de arte é tanto que empresas especializadas estão cada vez se aperfeiçoando mais e garantindo serviços de alta qualidade.

A metodologia consiste em uma vistoria técnica inicial para determinar as características do que será transportado. Após essa análise, é criada uma logística complexa que envolve desde a embalagem, coleta o tipo de transporte e a segurança. Cada item é imprescindível para a chegada das obras em perfeitas condições: a estratégia de transporte funciona de acordo com as necessidades técnicas das peças, para garantir maior proteção contra choques, vibrações e variações de temperatura e umidade.

Seguro de obras

O seguro para obras de arte ainda é pouco explorado no Brasil, com algumas diferenças nas coberturas quando comparadas às que são oferecidas na Europa ou nos Estados Unidos. A perda desses objetos pode representar um prejuízo considerável ao dono, principalmente quando se trata de obras que não têm como ser recuperadas.

Atualmente, apenas três seguradoras cobrem capitais que vão de R\$ 20 mil a R\$ 3 bilhões: Axa, Chubb e MAPFRE. De acordo com Ricardo Minc, CEO da Affinité Seguros, diversos itens são levados em conta para calcular o custo do seguro, como o tipo de apólice (museu, colecionador, galeria ou exposição); necessidade de transporte (distância e meio de transporte); fragilidade das peças; local de risco; limites desejados; sistemas protecionais de segurança e coberturas contratadas. A Affinité é considerada a mais importante consultoria de seguros do país nos segmentos de artes, entretenimento e produção audiovisual, com mais de 450 clientes que ultrapassam 3 mil projetos, entre eles a Fundação Iberê, Pinacoteca do Estado de São Paulo, MSP, MAC USP, MAM SP, Instituto Tomie Ohtake, Museu de Arte do Rio de Janeiro, MAM RJ e Fundação Edson Queiroz.

"Nesses quase 20 anos de trabalho, lidamos com situações de exigências e limites altos. Recentemente, vivemos uma das maiores dificuldade na colocação de um seguro para uma grande exposição com valores que excediam R\$ 2 bilhões devido às circunstâncias do Mercado de Resseguro

do LLOYDS, que está entrando num período de endurecimento, com constante aumentos das taxas ocasionados por diversas perdas, juntamente com o agravante das tragédias locais, como os incêndios do Museu da Língua Portuguesa, Memorial da América Latina, Museu Histórico Nacional e, por último, desastre de Brumadinho", explica Minc.

Os seguros podem se concentrar apenas no transporte até um determinado local – seguro de transporte; podem ainda conter a chamada cobertura "prego a prego", que cobre desde de a retirada do local de guarda até a volta do objeto, garantindo qualquer problema que haja com a exposição ou transporte; ou podem também contar com uma cobertura permanente, quando o colecionador quer proteger seus bens independentemente do local em que a obra está.

De maneira geral, o valor do seguro está relacionado a quanto o colecionador pagou pela peça. Se ela foi comprada por R\$ 1 milhão, o seguro será feito por esse valor, sempre respeitando as alterações de mercado e as valorizações que as peças têm ao longo dos anos. Quando uma coleção chega a uma seguradora, especialistas em obras de arte – conhecidos como marchands – reconhecem e precificam os objetos de acordo com a técnica que foi utilizada na sua feitura, o seu tamanho e o valor histórico, além de outros detalhes específicos, como a afeição do proprietário pelo bem, chegando-se então, a um consenso para a precificação.



Foto: Gustavo Possamai

12 de outubro a
24 de novembro

ENTRADA FRANCA
Quartas a domingos,
das 14h às 19h

Um recorte da Bienal de São Paulo para os gaúchos

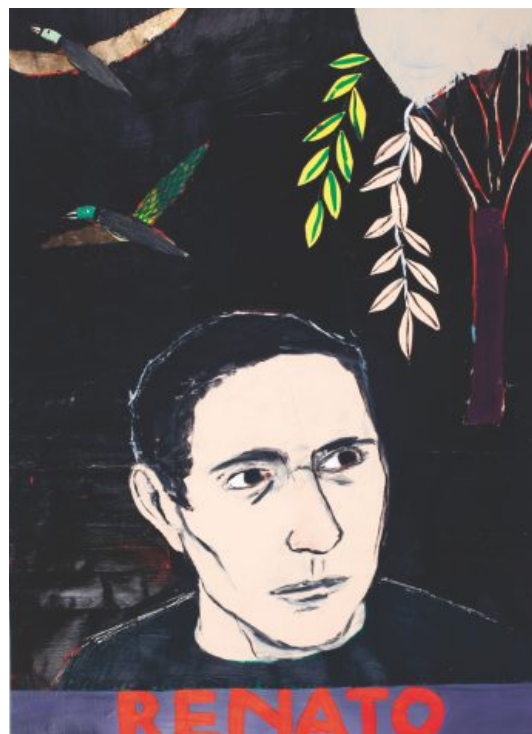
Até o dia 24 de novembro, a Fundação Iberê e a Fundação Bienal promovem uma das etapas do programa de mostras itinerantes da 33ª Bienal de São Paulo, realizada entre setembro e dezembro do ano passado. Em Porto Alegre são apresentadas cerca de 40 obras de artistas, como Vânia Mignone, Antonio Ballester Moreno, Alejandro Corujeira e Sofia Borges. As exposições em circulação não replicam literalmente o que se viu na capital paulista, mas apresentam diferentes associações e relações a partir de recortes de obras e artistas.

O programa é uma iniciativa que chega em 2019 à sua quinta edição. A itinerância da 32ª Bienal (2017) percorreu 13 cidades, sendo duas no exterior, e recebeu um público total de 650 mil visitantes. Para a sua realização, foram firmadas parcerias inéditas com a Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer do Governo do Espírito Santo (ES), o Museu Nacional (DF), a Fundação Iberê Camargo (RS) e o Museo de Antioquia, em Medellín (Colômbia). Também foram renovadas parcerias com o Sesc SP, a Fundação Clóvis Salgado (MG) e o Museu de Arte Murilo Mendes (MG).

33ª Bienal de São Paulo Itinerância Porto Alegre

Participantes:

ALEJANDRO CORUJEIRA (Buenos Aires, Argentina, 1961. Vive em Madri, Espanha) • **ANA PRATA** (Sete Lagoas (MG), Brasil, 1980. Vive em São Paulo, Brasil) • **ANDREA BÜTTNER** (Estugarda, Alemanha, 1972. Vive em Londres, Reino Unido, e Berlim, Alemanha) • **ANTONIO BALLESTER MORENO** (Madri, Espanha, 1977. Vive em Madri) • **BEN RIVERS** (Somerset, Reino Unido, 1972. Vive em Londres, Reino Unido) • **BRUNO DUNLEY** (Petrópolis (RJ), Brasil, 1984. Vive em São Paulo, Brasil) • **BRUNO MORESCHI** (Maringá (PR), Brasil, 1982. Vive em São Paulo, Brasil) • **MARIA LAET** (Rio de Janeiro (RJ), Brasil, 1982. Vive no Rio de Janeiro) • **RAFAEL CARNEIRO** (São Paulo, Brasil, 1985. Vive em São Paulo) • **RODERICK HIETBRINK** (Gorssel, Holanda, 1975. Vive em Oslo, Noruega, e Amsterdã, Holanda) • **SOFIA BORGES** (Ribeirão Preto (SP), Brasil, 1984. Vive em São Paulo e Paris, França) • **VÂNIA MIGNONE** (Campinas (SP), Brasil, 1967. Vive em Campinas) • **WURA-NATASHA OGUNJI** (St. Louis, MO, Estados Unidos, 1970. Vive em Lagos, Nigéria).





Iberê na Avenida

Iberê Camargo será uma das estrelas do carnaval 2020 de Porto Alegre. A bicampeã Imperadores do Samba vai homenagear o artista com o tema “Iberê, das águas da arte, o homem que se fez rio”. O desfile ocorre na primeira semana de março, no Complexo Cultural Porto Seco.

Menos de 750 metros separam a escola de samba Imperadores da Fundação Iberê Camargo, na zona sul da Capital, mas a relação é bem mais antiga e surgiu no bairro Cidade Baixa, como lembra o presidente da escola, Érico Leoti: "A Cidade Baixa daquela época era um bairro boêmio, o reduto do samba, mas também o berço de manifestações artísticas variadas. Ali moraram ativistas do teatro, da pintura, da dança e da música. Ali nasceu a Imperadores. Iberê bebeu daquela fonte cultural, onde tinha seu ateliê. Rondava e flertava com a nossa escola. Ou seria o contrário? A Imperadores é que flertava com a arte clássica do artista?"

É verdade que, por muito tempo também, a agremiação e o centro cultural foram classificados como opostos: a cultura popular representada pelo samba e a cultura erudita exposta no centro cultural. Hoje podem ser entendidas como complementares. Agora, ao se unirem para o desfile, encontram uma forma de diminuir a distância social e metafórica entre ambas. Mais do que isso: ao transformar a vida e a obra do artista em samba-enredo, a parceria revela os contrastes entre os dois contextos, ao mesmo tempo em que valoriza as diferentes linguagens artísticas e as considera como formas possíveis de manifestação de uma cidade multicultural e plural como Porto Alegre.

Em comum, Iberê e a Imperadores têm sua origem no povo. Apesar dele ter estudado em tradicionais escolas de arte no Brasil e na Europa, a vida cotidiana e as temáticas populares foram as principais inspirações na extensa obra do artista. Já a “escola do povo” se dedica a defender e difundir a cultura popular. Este inusitado encontro tem potência para integrar públicos distintos e ampliar o acesso cultural entre o popular e o erudito, do carnaval à exposição.

Na avenida, os carros e alegorias serão inspirados nos traços do artista. A paleta de cores transcenderá o vermelho e o branco e lançará mão de um universo multicolor, transformando o Porto Seco em uma grande exposição de arte.

Cine Iberê

Com curadoria da produtora de cinema e artes visuais Marta Biavaschi, o Cine Iberê apresenta filmes que dialogam com as exposições na Fundação Iberê. A entrada é gratuita e por ordem de chegada.

////////////////////

Diálogos com Itinerância da 33ª Bienal de São Paulo

13.10 | 16h | Auditório

TUNGA, O ESQUECIMENTO DAS PAIXÕES

Miguel de Almeida, 73min, 2019, Brasil

**Sessão comentada com o jornalista, escritor,
editor e documentarista Miguel de Almeida**

Documentário sobre Tunga (1952-2016), artista brasileiro dos mais expressivos na cena da arte contemporânea mundial. Escultor, performer, desenhista, pesquisador da filosofia, da literatura, do cinema, do teatro e da biologia para realização de suas obras. A atuação poética e política de seu pai, o poeta e jornalista Gerardo de Mello Mourão, e a trajetória de criação e investigação do artista são os principais eixos narrativos do filme, que traz à luz as relações políticas com a arte a partir da década de 70.

10.11 | 16h | Auditório

A VINGANÇA DO CINEGRAFISTA

Ladislav Starevich, 13min, 1912, França

**Cinema mudo com música ao vivo,
composta e executada por Wagner Cunha**

Filme mudo de animação realizado em stop-motion e protagonizado por besouros.

Uma fábula bem humorada, com toques de cinismo, sobre ciúme e infidelidade.

O curta integrou a exposição Stargazer II [Mira-estrela II], com curadoria da sueca Mamma Andersson, na Bienal de São Paulo de 2018.

10.11 | 17h | Auditório

SWINGUERRA

Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, 23min, 2019, Brasil

**Sessão comentada com Gabriela Almeida,
Doutora em Comunicação e Informação**

Com título inspirado pela swingueira, movimento popular de dança do nordeste brasileiro, em fusão com a palavra guerra, o curta apresenta a disputa de grupos de dança da periferia de Recife. Representante Oficial do Brasil na Bienal de Veneza de 2019, o filme foi comissionado pela Fundação Bienal de São Paulo, selecionado para Festival Internacional de Cinema de Locarno e vencedor da Mostra Competitiva Nacional do Festival Internacional de Curtas de São Paulo – Curta Kinoforum.

////////////////////

Diálogo com Os Quatro: Grupo de Bagé

1º.12 | 16h | Auditório

ANAHY DE LAS MISIONES

Sérgio Silva, 110min, 1997, Brasil/Argentina

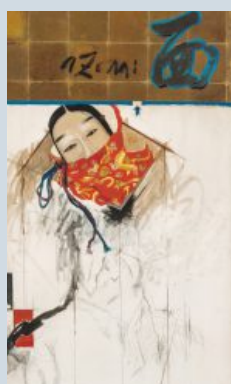
**Sessão comentada com a atriz Araci Esteves; o diretor artístico e diretor
de novelas e séries da Rede Globo, Gustavo Fernández; e a jornalista e
historiadora Miriam Rossini**

Anahy (Araci Esteves) é a mãe coragem inspirada em Brecht, que com seus filhos atravessa os pampas indo até os cânions da serra gaúcha coletando os pertences dos combatentes mortos para sobrevivência de sua família. Empurram uma velha carroça e enfrentam a guerra, a morte e o medo.



AGENDA DA FUNDAÇÃO IBERÊ

DE OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2019

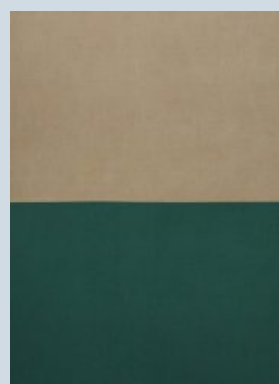


A zona:
A vida e
A morte

Wesley Duke Lee

Local: 4º andar
Visitação: Até 27 de outubro

ENTRADA FRANCA
Classificação indicativa: Livre



Bienal de
São Paulo

Itinerância

Local: 3º andar
Visitação: Até 24 de novembro

ENTRADA FRANCA
Classificação indicativa: Livre



Território
Oscilante

José Bechara

Local: Átrio e 2º andar
Visitação: Até 15 de dezembro

ENTRADA FRANCA
Classificação indicativa: Livre



Grupo
de Bagé

Local: 3º e 4º andares
Visitação: a partir de 30 de novembro

ENTRADA FRANCA
Classificação indicativa: Livre

Programação
Especial
Grupo de Bagé

**Encontro com os
alunos de
Danúbio Gonçalves**
19.10 | 15h

**Oficina de
Gravura
para Crianças**
26.10 | 15h

**Documentário "Danúbio",
e bate-papo com o diretor
Henrique de Freitas Lima**
02.11 | 16h

**Sarau de
Literatura
Modernista**
30.11 | 17h

**"Bianchetti",
documentário de
Renato Barbier**
13.12 | 16h

Local: Auditório da Fundação Iberê | **ENTRADA FRANCA** | Classificação indicativa: Livre

Recital da Série
Música de Câmara da Ospa

Local: Auditório da Fundação Iberê | **Datas:** 27 de outubro e 17 de novembro | **Horário:** 16h
ENTRADA FRANCA Classificação indicativa: Livre



A FUNDAÇÃO IBERÊ
REALIZA SEUS PROJETOS
ATRAVÉS DE LEIS DE
INCENTIVO À CULTURA.
EM 2019, AGRADECEMOS
O IMPORTANTE
PATROCÍNIO E APOIO DAS
EMPRESAS PARCEIRAS.

EDUCATIVO



EXPOSIÇÕES



GRUPO **GPS**

ATELIÊ DE GRAVURA



IBERÊ NAS ESCOLAS



**Prefeitura
de Porto Alegre**
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



PATROCÍNIO



APOIO



AUDITORIA



REALIZAÇÃO



DOADORES: INSTITUTO LING - DIGICON - PERTO **CLUBE IBERÊ** | **PATRONOS:** JORGE GERDAU JOHANNPETER - OLGA VELHO
CLUBE IBERÊ | **SÓCIOS:** ANA LOGEMANN - ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO - BEATRIZ JOHANNPETER - BETH LOGEMANN - CAROLINE KRELING - CECÍLIA SCHIAVON
DULCE HELENE GOETTENS - GLAUCIA STIFELMAN - JOSÉ LUIZ CANAL - MAIRA CALEFFI - MARIANA RECK HERTZ - PATRICE GAIDZINSKI - PATRICK LUCCHESI - SANDRA ECHEVERRIA - SILVANA ZANON
PARCEIROS EM COMUNICAÇÃO: ISEND - MACHADO TI - TRADUZCA **PARCERIA EM HOTEL:** PLAZA SÃO RAFAEL - SHERATON PORTO ALEGRE HOTEL **PARCEIROS INSTITUCIONAIS:** IFRS - TECNOPUC